

# DIALOGANDO COM MULHERES/ALUNAS: EXPERIÊNCIAS E APRENDIZAGENS EM EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA

Rita Cristiana Barbosa  
UFPB – [rcrisbarbosa@gmail.com](mailto:rcrisbarbosa@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

Este texto discute sobre as experiências e as aprendizagens de mulheres/alunas que são a maioria do alunado dos cursos de licenciatura da Unidade de Educação a Distância da Universidade Federal da Paraíba (UFPB Virtual), cuja aprovação formal ocorreu em 4 de abril de 2011, com a publicação da Resolução nº 02/2011, do Conselho Universitário – CONSUNI, mas que tem funcionamento desde 2006 (DINIZ, VAN DER LINDEN & FERNANDES, 2011, p. 49).

A UFPB Virtual é uma das integrantes da Universidade Aberta do Brasil (UAB), atualmente com oito cursos de licenciatura (e mais outros em nível de pós-graduação *lato senso*), que tem como foco principal a formação inicial de professores/as leigos/as atuantes nas escolas públicas e também o atendimento de pessoas jovens e adultas que residem no interior do Estado e que não têm acesso à educação superior pública. A clientela desses cursos é composta majoritariamente por mulheres, representando 63,63% do total de discentes ativos em 2013.<sup>1</sup>

A formação superior via Educação a Distância (EaD) se caracteriza pela flexibilidade, favorecendo as mulheres com encargos familiares, além do trabalho produtivo. Por outro lado, a tecnologia é um campo masculino e a EaD está inserida numa realidade tecnológica forte. Embora essa modalidade de ensino ofereça uma série de vantagens - flexibilidade de tempo e lugar e capilaridade no acesso a aprendizagem e desenvolvimento de competências como autonomia e autodidatismo, além de outras características também tidas como positivas como a interatividade e a adaptabilidade (MUNDIM, 2006; DEMO, 2006) - existem obstáculos de ordem subjetiva e objetiva que influenciam na consecução do sonho de inclusão educacional e digital para as mulheres.

---

<sup>1</sup> Sistema de Informação da UFPB, disponível em: <http://www.ufpb.br/ntiufpb/aplicacao/aplicacao.ufpb> Acesso em: 14/11/2013.

A partir de dados coletados por meio de diálogos virtuais com um grupo de estudantes da UFPB Virtual, proponho conduzir algumas reflexões acerca da representação e autorepresentação do gênero feminino sobre aprendizagens intelectuais e técnicas, bem como algumas dificuldades e facilidades do estudo *on-line* na concepção das mulheres. Neste texto serão discutidas apenas questões relacionadas às características da flexibilidade e as questões de aprendizagem ‘dos’ e ‘com’ os artefatos tecnológicos. Esses dados fazem parte de minha pesquisa de doutoramento que ora curso pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFPB. A seleção das narrativas se deu de forma intencional de acordo com as categorias escolhidas para este trabalho. São 12 narrativas de alunas sendo 10 do curso de Letras, 1 do curso de Pedagogia e 1 do curso de Ciências Agrárias da UFPB Virtual.

A seguir, narrativas de mulheres acompanhadas de uma possível análise de indícios acerca de relações de gênero, artefatos tecnológicos e flexibilidades. Ao final, serão apontados alguns desafios e recomendações para processos de ensino-aprendizagem em EaD e a promoção da equidade de gênero em ambientes virtuais.

## **2 EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS E RELAÇÕES DE GÊNERO EM EAD**

Para refletir acerca das relações de gênero no âmbito da EaD da UFPB Virtual, entende-se gênero como uma construção social, cultural e histórica das diferenças percebidas e nomeáveis entre os sexos, sendo as relações de gênero uma forma primária de relações de poder (LOURO, 2006; SCOTT, 1990). Contudo, as representações de masculinidade e feminilidade vão além das identidades, comportamentos e sentimentos atribuídos a mulheres e homens e se estendem aos objetos, lugares e práticas materiais e simbólicas (CARVALHO, 2007), daí o monopólio masculino da tecnologia.

A construção de gênero, imposta pelas instituições sociais, mas também assumida pelos sujeitos, é processo e produto de representação e autorrepresentação (LAURETIS, 1994), é aprendida e incorporada como *habitus*, uma estrutura psicossomática (BOURDIEU, 1999). Segundo Carvalho (2004, p. 3), *habitus* é um “sistema de disposições adquiridas no processo de socialização primária”. Trata-se de “uma capacidade cognitiva socialmente constituída, um sistema de esquemas de percepção, pensamento, apreciação e ação, produto da internalização dos princípios de um arbitrário cultural”. Assim, “o *habitus* expressa uma

maneira de ser, um estado habitual, especialmente do corpo, uma inclinação que compreende a autodisciplina e a autocensura”.

A ordem social de gênero, que distingue, separa e hierarquiza homens e mulheres, objetos, lugares, atividades e valores masculinos e femininos, opera de forma que subjetividade individual e objetividade social se reforçam mutuamente, por isso sua persistência (BOURDIEU, 1999).

Paralelo a essas questões pensemos nas características da EaD, enunciadas por vários/as autores/as, que em geral fazem referência ao lugar-tempo e aos aspectos dos artefatos tecnológicos.

Desses dois aspectos – diversos lugares e tempos e mediação tecnológica – decorrem outros igualmente importantes: as capacidades de manejar softwares e ferramentas digitais, de desenvolver interações virtuais e de aprender com autonomia, acessando fontes de informação e pessoas *on-line*, que configuram um modo de aprendizagem distinto da habitual aula presencial. No caso das mulheres, que constituem a maioria de estudantes da EaD, o seu lugar-tempo no mundo, suas formas de sociabilidade e sua relação com artefatos tecnológicos contêm especificidades de gênero, que merecem atenção.

No diálogo virtual com algumas alunas dos cursos da UFPB Virtual, aparecem os obstáculos de ordem subjetiva e objetiva e a consecução do sonho de inclusão educacional e digital, que evidenciam tanto a representação quanto a autorepresentação do gênero feminino como incapaz de aprendizagens intelectuais e técnicas: desestímulo de maridos que duvidam se sua capacidade de aprender por se tratar de um curso superior e por ser mediado pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC); vergonha por não conseguir ‘mexer’ no computador e precisar sempre da ajuda do marido, das/os filhas/os ou de outras pessoas para isso; além de questões socioeconômicas como não ter computador em casa, morar longe do polo etc. A falta de autoconfiança e o desânimo se somam à falta de tempo e de apoio técnico como principais causas da desistência. Certamente esses elementos podem influenciar os altos índices de evasão e repetência em cursos da EaD.

Seguindo as afirmações de vários estudos de Rapkiewicz, 1998; Schwartz, 2006; Silva & Carvalho, 2003; entre outros, que apontam para uma construção cultural a incompetência científica e tecnológica das mulheres, veremos como essa cultura pode interferir no modo como as mulheres encaram a aprendizagem à distância e *on-line*.

Em contrapartida, Pallof & Pratt (2004) postulam que o meio digital de aprendizagem já foi descrito como o grande equalizador por eliminar os limites entre culturas, gêneros, faixas etárias e também as diferenças de poder. Pesquisas feitas nos EUA trazem relatos

conflitantes com relação a gênero e aprendizagem *on-line*, principalmente sobre participação, desempenho e preferências de homens e mulheres. Abbott & Bievenue (*et al*, 2010) e Palloff & Pratt (2004) afirmam que alguns estudos sugeriram que gênero, raça, orientação sexual, capacidades físicas e idade não são características evidentes na interação da sala de aula *on-line*, o que aponta para ambientes de aprendizagem equitativos. No entanto, há observações sobre as formas diferentes de como homens e mulheres participam de cursos *on-line*. As mulheres evitam discussões de questões controversas, contribuindo menos, tendem a sujeitar-se aos colegas homens não estando dispostas a enfrentá-los quando estes são inadequados ou equivocados nas discussões. Outra observação interessante é que os homens tendem a fazer comentários mais autoconfiantes e agressivos em mensagens longas e constantes além de serem mais propensos a autopromoção e sarcasmos. Há presença de comportamento estereotipado também na comunicação *on-line*. Como não há consenso que sustente tais hipóteses, a conclusão é que se precisa de mais investigação.

Enquanto isso, partindo do empirismo, veremos as representações e autorrepresentações de mulheres/alunas de EaD sobre gênero e tecnologia e sobre a flexibilidade espaço-tempo que a modalidade assegura.

## 2.1 MULHERES E A APRENDIZAGEM DOS/COM RECURSOS DAS TIC

Há um livro que se tornou um manual nos cursos de EaD<sup>2</sup> pelo Brasil intitulado: “O aluno virtual – um guia para trabalhar com estudantes *on-line*”, de Rena M. Palloff e Keith Pratt, por tratar da didática da educação *on-line*. Palloff & Pratt (2004), afirmam que quando aprendizes envolvem-se com um processo de aprendizagem em que a tecnologia seja utilizada eles aprendem mais do que a matéria do curso. O livro sugere um perfil de estudante *on-line* de sucesso e prescreve estratégias para ensinar em ambientes virtuais. Entretanto, a problematização se passa sobre um suposto perfil discente, que tacitamente é exigido, embora não pareça estar na lista de prioridades da ‘política de EaD’. Será apropriado idealizar a/o estudante *on-line*? O que esse perfil difere do presencial?

---

<sup>2</sup> Esse livro também serviu de instrumento para formação docente pela UFPB Virtual em 2010. Disponível em: <http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/2010/08/curso-de-formacao-docente-o-aluno-virtual/> Acessado em 3 de julho de 2013.

Em geral, quando se pensa num perfil de estudante para EaD se incluem questões como a relação com o computador (*hardware* e *software*) e internet, o que é comum nesse tempo de EaD mediado pelas TIC, e outros elementos que também compõem o perfil do aluno presencial como: determinação, compromisso, tempo disponível para estudar, autonomia, assiduidade etc. Mas longe de encontrar estudantes ideais, alunas da UFPB Virtual que conseguiram passar do primeiro semestre de aulas, relatam o que vivem/viveram com os artefatos tecnológicos que ilustram dificuldades de aprender a manusear elementos das TIC, indispensáveis para a formação na modalidade à distância (além do conteúdo das disciplinas):

Vou confessar: a minha habilidade com a informática não é uma das melhores, bem como o saber o que fazer diante da plataforma EAD. Perdi algumas atividades por não saber postar... No entanto, a culpa se resume a minha pessoa. É que agora estou saindo do "silêncio virtual"... ou pelo menos, estou tentando...

(S2L - Juripiranga – Polo de Itabaiana-PB – 2011.2 – Diário do Aprendiz  
– Curso: Letras, 2º período)

[...] o aprendiz deve ter capacidade, habilidade e autonomia para desenvolver suas atividades com sucesso, habilidades essas que muitas vezes me deixaram desestimulada por não possuir autonomia para usar o Moodle, para enviar minhas atividades sem ajuda, mas fui persistente e estou aqui vencendo essa dificuldade com muita força de vontade.

(S3L - Polo Araruna-PB – Diário do Aprendiz – Letras)

Se procurarmos saber a quem essas alunas pediram ajuda, certamente encontraremos a figura masculina na maioria das vezes. Também nos parece algo comum atribuir o fracasso a si mesmo: “*minha culpa, minha tão grande culpa*”. Será que os homens também diriam assim? Ademais é perceptível a noção de um perfil para ser estudante EaD, com características próprias de estudante, idêntico a qualquer um, de qualquer nível ou modalidade e que, comumente, no caso do estudante *on-line*, o ‘desenquadre’ está nas capacidades com as TIC.

Essas são as práticas de significação que tecem marcas identitárias produzindo determinados modos de ser sujeito, bem como as regras que marcam corpos e comportamentos, regem modos de viver. Para Escosteguy (2010, p. 145) identidade refere-se ao “sujeito e sua inserção no mundo; sobre os indivíduos e suas identidades pessoais – como nos constituímos, percebemo-nos, interpretamos e nos apresentamos para nós mesmos e para

os outros; sobre o deslocamento do indivíduo do seu lugar na vida social e de si mesmo”. Portanto, ao mesmo tempo em que essas mulheres vivenciam novas experiências com as TIC vão (re)construindo velhas e novas marcas identitárias, que ora dizem respeito a uma marca já firmada, ora ao que se quer tornar-se: pessoas de sucesso, com habilidades e domínio sobre as TIC para permanecer no curso da UFPB Virtual.

A cultura midiática sanciona, por meio de propagandas, que em relação a tecnologias tudo é simples, fácil e mágico, basta um ‘clique’. Aliado a isso, as observações cotidianas apresentam uma visível facilidade das crianças e jovens com os aparelhos digitais e na fase adulta a facilidade é mais preponderante nos homens. “Assim como a ciência, a tecnologia também possui uma referência androcêntrica. Culturalmente, os homens parecem estar mais à vontade com a tecnologia, tanto na criação quanto no uso das novidades tecnológicas” (CARVALHO & COVOLAN, 2008, p. 15). Isso pode atestar que a ‘minha’ dificuldade se torna um fracasso e a responsabilidade é somente minha, por não pedir ajuda ou por não aprender rapidamente com a primeira ajuda; por ter medo de explorar/testar e aprender por ensaio e erro.

Nas narrativas das alunas podemos observar três questões interessantes: 1) o aspecto de individualidade (sentimento de culpa e de persistência e vontade); 2) o aspecto de coletividade (pedir ajuda, precisar de cooperação) e; 3) o silêncio virtual, como uma condição que precisa ser superada. Palloff & Pratt (2004) falam da personalidade ‘eletrônica’ e se referem, em um dos pontos, na personalização de comunicação, a fim de criar uma presença *on-line*. A ausência prolongada dessa presença cria um ‘vácuo’, o silêncio virtual que pode comprometer e impedir a aprendizagem.

A cultura de individualidade nos ensina a ser vaidoso, orgulhoso, competitivo e diz que assim teremos mais sucesso, pois o mundo é dos mais espertos. Já a cultura da cooperação nos ensina a partilhar conhecimento e a construir em grupo. As identidades constitutivas que a arbitrariedade cultural institui “se encarnam em *habitus* que se diferenciam segundo princípios de divisão dominante e são capazes de perceber o mundo segundo este princípio” (BOURDIEU, 1999, p. 33), com consequências marcantes de diferenciação a que homens (arrojados) e mulheres (contidas) estão constantemente submetidos e subjugados.

Assim, parece que as observações sobre as formas diferentes de como homens e mulheres participam de cursos *on-line* são válidas e que, é possível que as mulheres evitem discussões de questões controversas e se sujeitem aos colegas homens, bem como, que não se sintam à vontade para pedirem ajuda aos professores e tutores homens. Palloff & Pratt (2004) alertam para a possibilidade de que, assim como no mundo real, as relações de poder também

se mantenham no mundo *on-line* e nesse caso nas mãos dos homens. A principal indicação para que isso não ocorra é propiciar um ambiente cooperativo e, certamente, vai partir da sensibilidade docente.

Segundo Lemos (2004, p. 11), a *cibercultura* fortalece a cultura cooperativa porque ela “estrutura qualquer dinâmica identitária e cultural: a troca, as influências mútuas, a cooperação”, tornando-se instauradora de uma “cultura planetária da troca e da cooperação” e resgatando o que há de “mais rico na dinâmica de qualquer cultura”. Assim, como toda ajuda é bem vinda, as alunas se sentem mais encorajadas quando recebem orientações vindas de quem, em tese, devem prestá-las, ou quando descobrem sozinhas, inventando uma espécie de ‘catucotorial’<sup>3</sup>. Vejamos nas narrativas:

Que bom que agora na plataforma vem explicando como salvar meus arquivos em rtf, pois era a minha maior dificuldade. Enviar meus trabalhos era um tormento, sempre tinha que pedir ajuda.

(S4L – Ribeira-PB, Polo de Cabaceiras-PB – 2011.2 [20.8.11] – Diário do Aprendizente – Curso: Letras, 2º período)

[...] basicamente ainda não enviei quase nada de minhas atividades em todas as minhas disciplinas. Isso acontece porque a plataforma mudou de cara e descobri hoje como enviar mensagem, acredita??? Faço as atividades, mas com essas mudanças não consigo enviar, tem disciplina que pede o envio em anexo, e não sei como fazer. Antes enviávamos pela caixinha de arquivo, só que agora não é assim. [...]

(S1CA - Polo de Taperoá-PB 2013.1 [Domingo, 14 de Abril de 2013 13:56] – Mensagem Pessoal pelo Moodle – Ciências Agrárias, 9º período)

Observamos nas falas a importância do trabalho docente em orientar, explicar, cuidar, que pode ser ainda maior no contexto da EaD. Lévy (1999) indica que o essencial reside num novo estilo de pedagogia que favoreça, ao mesmo tempo, os aprendizados personalizados e o aprendizado cooperativo em rede. Ao invés do ‘silêncio virtual’, a interatividade. O docente vê-se chamado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de discentes, em vez de um dispensador direto de conhecimentos. Pallof e Pratt (2004) sugerem que os/as professores/as devem prestar mais atenção à orientação que dispensam aos/às alunas para uma efetiva aprendizagem *on-line*, pois eles/as desempenham papel importante na formulação de

---

<sup>3</sup> Termo derivado de Catucar (mexer) + Tutorial. Quando eu trabalhava como professora de informática utilizava esse termo quando aprendia a fazer alguma coisa nos programas e sistemas por ensaio e erro.

uma explicação do contexto e do processo de pesquisa acadêmica e no engajamento para a construção de uma comunidade de aprendizagem *on-line*.

Assim, a lógica comunicacional na *cibercultura* é caracterizada por: rede hipertextual, multiplicidade, interatividade, imaterialidade, virtualidade, tempo real, multissensorialidade e multidirecionalidade (LÉVY, 1999). Esta por sua vez contribui com a EaD possibilitando a ampliação da perspectiva de alteridade, ao promover vínculos entre sujeitos sociais de distintas culturas, que vivem circunstâncias sócio-históricas semelhantes, além de trabalhar com diferentes dimensões da linguagem (PESCE, 2011), isso porque se acredita que a *cibercultura* parece ser credora de um capital cognitivo que transforma a tecnologia digital em um meio comunicativo que promove interfaces, interatividades e longínquas e duvidosas, porém possíveis, inclusões sociais, políticas e culturais (FERRARA, 2010).

Também é importante ressaltar que há um duplo processo de aprendizagem simultânea. Um conduzido, sistematizado e deliberado por um/a professor/a e um/a tutor/a a distância e outro, na maior parte da trajetória dos cursos, de forma livre, sem acompanhamento sistematizado e, às vezes, de forma autônoma. Há a exceção da disciplina: ‘Introdução a Educação à Distância’ que todos os cursos da UFPB Virtual ofertam no primeiro semestre, com a mesma ementa e que também têm função instrumental para apoiar o corpo discente no uso das mídias em EaD, certamente um importante componente curricular introdutório para a inclusão digital de discentes de EaD, mas que tem início e fim, e no limite de sua carga horária (60h ou um período letivo) é incapaz de acompanhar os processos de inclusão/aprendizagem e empoderamento em TIC propiciados pelos cursos. Acredita-se que ao longo do curso, quem consegue ultrapassar os primeiros semestres, aprende e se torna incluído digitalmente. Vejamos esses exemplos:

Minha inclusão digital não se deu propriamente através da EaD, pois fui alfabetizada em lan houses, por pura necessidade de me comunicar com pessoas que não usavam mais as famosas cartas que antes enviávamos pelos Correios. Foi difícil aprender @ e outros sinais, descobrir as teclas e suas funções... Eu até me sentia envergonhada, pois sentava ao lado de pessoas que digitavam com muita rapidez, enquanto eu catava as teclas. Na EaD desenvolvi as técnicas que não conhecia, como, por exemplo, postar documentos em rtf, postar vídeos, fazer pesquisas com maiores cuidados. [...]

(S5L Belém-PB – Polo de Duas Estradas-PB – 2011.1 – Mensagem Pessoal por e-mail [Domingo, 12 de Junho de 2011, 4:09] – Curso: Letras, 2º período)



O Curso de Pedagogia a Distância contribuiu muito com a minha inclusão digital, pois antes de entrar no CURSO eu era LEIGA. Não tenho vergonha de falar: eu não sabia nem pegar no mouse. Graças a DEUS e a este curso sei lidar com computador hoje. Meu nível de inclusão é médio porque faltam apenas poucas coisas ainda para aprender.

(SIP - Polo de Itabaiana-PB – Mensagem Pessoal pelo Moodle [23/04/12, 19:57] – Curso: Pedagogia, 8º Período)

Segundo Lévy (1999), o ensino na modalidade a distância pode trazer em seu âmbito uma nova missão: a de orientar os percursos individuais no saber e contribuir para o reconhecimento do conjunto de *know-how*<sup>4</sup> das pessoas, inclusive os saberes não acadêmicos.

É claro que, assim como muitas outras coisas na vida, o sucesso do estudante *on-line* está intimamente relacionado com a satisfação. Obviamente que, estando o alunado satisfeito com os cursos e programas *on-line*, a tendência é ter mais sucesso e garantir a permanência (PALLOFF & PRATT, 2004). Sobre isso, é preciso lembrar que o saber lidar com artefatos tecnológicos influencia no nível de satisfação acerca da EaD. Nesse sentido, a dupla de autores aponta mais uma diferença de gênero quando dizem que as mulheres buscam mais a educação *on-line* porque desejam encontrar a mesma satisfação que a educação superior propicia aos estudantes presenciais, isto é, a satisfação de aprender. Portanto, pode-se dizer que as mulheres estão dispostas a aprenderem e muitas delas são persistentes nesse objetivo.

Diante dos relatos, percebemos que a inclusão digital propiciada e incentivada pela participação em um curso de graduação à distância, o desenvolvimento de habilidades tecnológicas e a participação na *cibercultura*, ampliando o acesso à informação e a redes sociais, poderão repercutir nas vidas pessoais e profissionais das mulheres. Para Braga (2004, p. 5) “o domínio das linguagens da comunicação mediada por computador (CMC) por mulheres pode ser visto como um domínio em que, pelo engajamento na atualização tecnológica, se relativiza a subordinação laboral e a dominação masculina: espaço de mulheres modernas”.

---

<sup>4</sup> Know-how é um termo em inglês que significa literalmente "saber como". Know-how é o conjunto de conhecimentos práticos (fórmulas secretas, informações, tecnologias, técnicas, procedimentos, etc).

## 2.2 FLEXIBILIDADE LUGAR-TEMPO E A SATISFAÇÃO DO ESTUDO *ON-LINE*

A flexibilidade de lugar e de tempo para o estudo *on-line* na EaD é tida como a principal vantagem dessa modalidade. Algumas considerações sobre o lugar-tempo das mulheres/alunas da UFPB Virtual se referem à organização de suas vidas frente ao novo desafio de estudar e trabalhar, mas não só isso, de estudar de uma forma diferente, nunca antes imaginada. Estudar numa classe sem paredes, sem porta, sem quadro... Estudar em uma turma que nunca se encontra no mesmo lugar nem ao mesmo tempo. Estudar no sítio ou em pequenas cidades, lugares às vezes esquecidos. Estudar sozinhas, com um computador, *internet* e livros. Estudar num tempo em que um dos valores culturais e sociais é estar atualizado com o desenvolvimento de TIC. Estudar com a exigência de familiaridade com elementos tecnológicos e digitais num tempo em que esta ocupação ainda é um território tradicionalmente ocupado por jovens e homens. E acima de tudo, estudar para se qualificar profissionalmente ao mesmo tempo em que exerce sua profissão.

Sabe-se que a cultura da EaD está sendo construída sob as exigências da vida contemporânea: muito trabalho, pouco tempo, uso cotidiano frequente de TIC, desenvolvimento profissional contínuo e novas aprendizagens ao longo da vida. Nesse contexto, a EaD mediada por TIC oferece flexibilidade de horários e maior autonomia no estudo, o que pode favorecer indivíduos que trabalham e, em especial, mulheres, que às vezes têm jornadas triplas de trabalho, permitindo a conciliação entre estudo, trabalho e as obrigações domésticas no cotidiano. Segundo Abbott & Bievenue (*et al*, 2010), pesquisas nos EUA também apontam esses aspectos como vantagens dos cursos *on-line*. Segundo tais pesquisas, os relatos de mulheres incluem a capacidade de assistir às aulas a partir de casa e realizar trabalhos completos quando outras responsabilidades relacionadas com a família foram concluídas, semelhantemente às revelações das alunas a seguir:

Este é o segundo semestre como aluna virtual e tem sido fundamental desenvolver algumas estratégias e habilidades para ser um estudante virtual, pois apesar de que eu já possuo uma boa prática no que se refere ao uso das ferramentas principais como computador, internet, digitação, [...] foi, sem dúvida, uma experiência nova no que tange à organização e administração do tempo. Apesar de estudar a distância temos a vantagem de podemos fazer nosso horário. Aprendi, sim, neste curso a desenvolver mais frequentemente minhas habilidades de administrar meus horários dando ênfase às prioridades.

(S13L – Barra de Santa Rosa – Polo de Araruna-PB – 2011.2 – Diário do Aprendente – Curso: Letras – 2º Período)

[...] O que para mim é positivo nessa forma de estudar é a questão do horário, pois consigo me organizar dentro das minhas condições de trabalho e vida pessoal, filhos, afazeres domésticos, etc. [...]  
 (S14L – Jardim de Piranhas-RN – Polo São Bento-PB – 2011.1– Mensagem Pessoal pelo *moodle* – Curso: Letras, 2º período)

Mas é preciso atentar para as falsas ideias acerca das tecnologias. Lévy (1999, p. 216) lembra, por exemplo, de algumas tecnologias que supostamente fariam ‘ganhar tempo’: “as geladeiras, freezers, lavadoras de roupa, lavadoras de louça, aspiradores, detergentes avançados e outros não ‘liberaram a mulher’”, mas ao contrário, por permitirem elevação nos padrões de ordem, higiene e limpeza, acarretaram o aumento da duração da jornada de trabalho delas.

Além disso, é preciso refletir sobre o uso do recurso tempo. Segundo Perista (2004, p. 2) “a standardização do tempo, a sua divisibilidade em horas, minutos e segundos criou nas sociedades hábitos de controle e de uso do tempo como um recurso utilizado até à exaustão, pois a noite e as condições climáticas inóspitas deixaram de ser, na sua generalidade, limites ao uso do tempo”. Para algumas mulheres, especialmente, ocorre que elas somente conseguem tempo para estudar depois que todos da casa descansam. Pesquisas alertam para considerações familiares quando as mulheres fizeram curso *on-line* com os homens e relataram que tiveram menos acesso a computadores do que eles, devido à necessidade de partilhar um computador com outros membros da família (ABBOTT & BIEVENNUE *et al*, 2010).

As TIC, “pondo ao dispor de empresas e dos cidadãos, computadores portáteis, correio eletrônico, telefones celulares, entre outras inovações, permitem a multiplicidade dos espaços de trabalho (a casa, o local de férias, o meio de transporte...) e a transversalidade da ligação ao trabalho independentemente do local em que o indivíduo – trabalhador – se encontre” (PERISTA, 2004, p. 2). A EaD também se insere nesse contexto permitindo a multiplicidade dos espaços de estudo/formação. Portanto, assim como alertou Lévy com as tecnologias domésticas, também as TIC (e quiçá a EaD) “não tiveram o efeito esperado de redução de tempo de trabalho, mas por sua vez contribuíram para que este aumentasse entrando no espaço doméstico” (PERISTA, 2004, p. 2).

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que observamos a EaD como positiva por proporcionar sua inclusão na administração de todos os projetos e atividades das mulheres no tempo disponível, assistimos aos reclamos de que elas não têm tempo para leitura, estudo e pesquisas, nem para realização das tarefas propostas ou até mesmo para as participações nos

fóruns. Há uma tendência na crença que um curso a distância não exige muito tempo e que como não se tem tempo para fazer um curso presencial, então dá pra fazer um curso pela Internet. Mas essa crença se desfaz logo no início do curso e em alguns casos destrói o sonho que começava a se realizar. É que o tempo pode ser ‘amigo’ e ‘inimigo’:

Ingressei na UFPB Virtual por me interessar em fazer um curso superior. Fiquei muito feliz com a aprovação no vestibular, mas tive muitas dificuldades. Consegui concluir o primeiro período na quinta tentativa e estou na segunda do 2º período. Isto se dá, principalmente por dispor de pouco tempo disponível, vivemos numa corrida desenfreada. Parece que não estamos vivendo, estamos apenas correndo, não se sabe atrás do que. São muitas atividades cotidianas, pois sou dona de casa, mãe de dois filhos (um especial) e trabalho fora 8 h por dia. Onde trabalho, não posso acessar o *moodle* ou ler, ficando muito difícil concluir os trabalhos. Meus colegas de trabalho que estudam fora podem sair mais cedo, mas os virtuais, como a sala de aula está aberta 24 h por dia, não têm este direito, como se não precisássemos dormir. No início não tinha computador em casa e era pior. Eu pretendia fazer o curso de Letras apenas para aprender a "ler e escrever". Eu tenho pouquíssima leitura, nunca fui uma leitora que tenha lido pelo menos os clássicos da literatura brasileira. Na minha casa tem muitos livros e eu tenho um zelo por eles, mas nunca consegui ter tempo de ler. Como o tempo é barreira para a leitura, não consigo o aprendizado que almejo. Como vou aprender a escrever? Escrever como vocês escrevem artigos ou coisas do tipo, com palavras próprias de quem já aprendeu a "dirigir" a nossa língua tão linda e tão complexa. Acho que a sala de aula oportunizaria melhor este aprendizado, pois, obrigatoriamente, eu teria que dispor do tempo para frequentá-la, sem falar na presença do professor e as discussões em sala, ainda estou muito ligada a este método de ensino.

(S1L – Polo de São Bento – 2011.2 – Mensagem pessoal via e-mail [Domingo, 14 de Agosto de 2011 6:59] – Curso: Letras – Aluna desistente).

Vim aqui relatar um pouco da minha vivência nesse fantástico meio de comunicação, que nos leva a viajar para os mais improváveis lugares que um dia eu poderia imaginar conhecer. Assim que tivemos acesso pessoal à internet, não tinha muita intimidade com a mesma, usava só para MSN e Orkut, aos poucos fui descobrindo suas funcionalidades. Passei a usá-la como material para preparar minhas aulas, melhorando bastante meu desempenho. Quando foi em 2009 resolvi prestar vestibular para Letras, em uma Universidade Virtual, pouco conhecida, fui aprovada e ingressei rumo ao desconhecido, para mim tudo era novidade e totalmente complicado. No início foi bastante difícil, mas pude contar principalmente com a ajuda de meu marido, que é experiente em termo de internet e foi aprovado no mesmo período. Aos poucos, fui aprendendo e descobrindo a cada dia novos comandos. No final do primeiro período sem esperar engravidei, mas consegui concluí-lo. Mas, no segundo precisei trancar e o seguinte também. Estou retornando agora, na esperança de ter tempo e ser um pouco mais ágil. Será um pouco difícil, pois algumas atividades realizo com meu bebê no braço “querendo me ajudar”. Hoje posso dizer que a internet em minha vida é de fundamental importância, proporciona-me a oportunidade de concluir um curso, na comodidade de estar em casa. É difícil, tenho muito o que

aprender, a cada dia surgem novas informações, até minha filha de 8 anos me ajuda, mas só assim poderei conseguir esse meu objetivo.  
(S15L – Polo de Itabaiana – 2011.1 – Mensagem pessoal pelo Moodle – Curso: Letras, 2º período)

É visível a quantidade de dificuldades embutidas na realização de uma graduação à distância nos relatos acima, especialmente pelo fato de ser uma mulher e assumir o papel cultural (doméstico/materno) a ela atribuído. Para Perista (2004, p.6) “o tempo é repartido, para a maioria da população feminina, num ‘infundável’ número de actividades, [...], todas estas actividades exigem, para a sua concretização, tempo, o qual é completamente subestimado em termos de valor social e econômico”. Há relatos de que professores do sexo masculino reagem de maneira indiferente a reclamações das estudantes *on-line* envolvendo a falta de tempo e sustentam que só faz um curso superior quem pode<sup>5</sup>.

O tempo em geral é descrito como barreira primária para prosseguir na EaD e para ter sucesso no curso:

Nesse lugar reservado [Diário do Aprendiz] posto todas as minhas esperanças de concluir este curso. Não está sendo fácil para eu concluir. Não desisti ainda porque sou uma pessoa que gosto de tudo o que é difícil. Portanto as dificuldades me fazem ter mais impulso e vontade de chegar aonde eu quero. Acordo todos os dias as 04:50 da manhã para trabalhar. Tenho dois filhos: uma menina de oito anos e um menino de um ano e dez meses. Deixo os meus filhos em uma creche comunitária. Sou diarista na área de locução. Imagine vocês... uma pessoa passar oito horas falando para centenas ou talvez milhões de pessoas induzindo-as a comprar produtos de modas. Essa é a minha rotina todos os dias até o sábado. Quando não vou fazer minhas diárias passo o dia inteiro no Polo Virtual de Conde, para fazer e postar todas as minhas tarefas de todas as disciplinas mesmo que estejam certas ou erradas, mas, as faço com intuito de acertá-las. Já fui reprovada por três vezes, mas, essas reprovações me serviram como aprendizado e experiência. Aprendi a pesquisar e conhecer vários pensadores. Para mim o conhecimento é o maior presente que eu já ganhei durante esses anos de pesquisas.  
(S16L – Polo de Conde – 2011.2 – Diário do Aprendiz – Curso: Letras, desbloqueada<sup>6</sup>).

As atividades são muitas, mas, tenho me esforçado muito para efetuar-las. É bem difícil quando se trabalha! Mas a minha vontade é tão grande, que supera qualquer dificuldade. Saio prá trabalhar às 6:00 da manhã e só chego às 5:00 da tarde, portanto tenho apenas a noite prá fazer meus exercícios e as outras coisas. Obs. Ainda bem que todas as atividades são em forma de texto online! [17.09.11]

<sup>5</sup> Relato de uma aluna identificado numa aula presencial do curso de Letras pela UFPB Virtual, polo de Mari.

<sup>6</sup> Dá-se o nome de ‘desbloqueado’ ao estudante que não segue mais a ordem da estrutura curricular de um curso. Em geral isso acontece por causa de trancamentos e reprovações de uma ou mais disciplinas.

Nooossa! Perdão aos professores e tutores, mas, tá difícil!  
São tantas atividades, que nem sei por onde começar. Tenho tentado encontrar tempo suficiente para realizar todas, mas trabalho e é muito difícil conseguir fazer tudo. [28.09.11]  
(S4L – Ribeira - Polo de Cabaceiras – 2011.2– Diário do Aprendiz –  
Curso: Letras, 2º período)

Esses discursos revelam preocupações com o gerenciamento do tempo para o curso. Esse aspecto de gerenciamento do tempo, Palloff & Pratt (2004) chamam de comprometimento e afirmam que um curso a distância utiliza um tempo total 2 ou 3 vezes maior que um curso presencial. Isso porque há o tempo *on-line* e o tempo *off-line* a ser dispensado aos estudos. Segundo essa dupla, as mulheres podem achar esse aspecto desanimador porque apesar da conveniência, a aprendizagem *on-line* rouba o tempo de dedicação à família. Essa concepção pode acarretar na não permanência no curso. Em contrapartida, o sucesso na aprendizagem *on-line* de mulheres cresce à medida que elas recebem apoio de suas famílias e de seus locais de trabalho e aprendem a administrarem o tempo.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A EaD tem proporcionado acesso e desenvolvimento da usabilidade do computador e da internet para os/as estudantes. Esses aspectos - acesso e inclusão digital -, na contemporaneidade, estão presentes em todos os setores da vida produtiva e formativa e abrem possibilidades de aprendizado e empoderamento, especialmente, para grupos excluídos e em desvantagem social como o caso de indivíduos residentes em pequenos municípios, longe dos grandes centros, a maioria mulheres e professoras que fazem um curso superior na UFPB Virtual.

Num tempo em que a utilização de TIC ainda é reduto masculino, muitas mulheres têm superado tais determinismos e conseguido sua inclusão digital com sucesso. Mesmo com evidências de representação e autorepresentação do gênero feminino como incapaz de aprendizagens intelectuais e técnicas e diante de tantas dificuldades - como a falta de tempo e de apoio técnico e familiar que, em geral, contribui para a falta de autoconfiança entre as alunas - é considerável a movimentação feminina num esforço resiliente, impulsionado pelo desejo/sonho de cursar uma graduação oportunizada pela EaD.

Nesse sentido, parece considerável a afirmação de Pallof & Pratt (2004) de que o meio digital de aprendizagem pode favorecer na eliminação de limites, inclusive os relacionados a gênero. As recomendações para a criação de ambientes virtuais de aprendizagem baseados em equidade de gênero são, principalmente, para as ações docentes, que devem encorajar as mulheres a participarem com maior nível de autoconfiança: alternância entre homens e mulheres, dando oportunidades iguais; incorporação de tarefas colaborativas no curso; confrontação, com respeito, de qualquer uso de linguagem ou comportamento que não incentive a equidade de gênero; conversar com as alunas que não participam, tentando remover barreiras que podem ter como causa questões de gênero (PALLOF & PRATT, 2004, p. 72).

Também, a título de recomendação, é preciso uma maior atenção para a questão do tempo. Para Pallof & Pratt (2004), discentes precisam de explicações e ajuda para o gerenciamento do tempo, que não é tarefa fácil. É possível ajudar as alunas da UFPB Virtual a avaliarem quanto tempo elas têm disponível para o estudo *on-line* e como distribuir o tempo acomodando todas as atividades diárias, evitando sobrecarga e garantindo o comprometimento. Para isso é importante que elas entendam as demandas da aprendizagem *on-line* e sejam incentivadas a gerenciar o tempo estabelecendo objetivos e prioridades. Há uma lista de técnicas para docentes nesse sentido que, a meu ver, as mais importantes são: incentivar a organizar o tempo diário para a preparação das tarefas e participação *on-line*; incentivar a visitação do site do curso diariamente; incentivar a flexibilidade e comunicação no grupo, inclusive sobre coisas na vida que interfiram ou intervenham na participação; oferecer exemplo de bom gerenciamento de tempo; e intervir, sempre que necessário, nas comunicações com atenção para o tamanho das mensagens, fluência ou ausência delas etc. (PALLOF & PRATT, 2004, p. 109).

O que vale concluir é que, embora muitas ações para a aprendizagem *on-line* de sucesso sejam atribuídas ao alunado (como um perfil mais apropriado), a grande parte delas são atribuições docentes, parte de um trabalho pedagógico efetivo, o que também é imprescindível para o sucesso da aprendizagem na modalidade presencial. Percebe-se a grande importância do trabalho pedagógico a partir do entendimento das especificidades do/a aluno/a virtual e do trabalho com estudantes *on-line*, além de domínio tecnológico e da sensibilização para a equidade de gênero.

## REFERÊNCIAS

- ABBOTT, Gypsy. BIEVENUE, Lisa *et al.* Gender Equity in the use of Educational Technology. (2010). In: Klein, Susan S. (General Editor) *Handbook for Achieving Gender Equity through Education*. 2nd ed., New York and London: Routledge, 732 p.
- BOURDIEU, Pierre (1999). *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRAGA, Adriana (2004). Da ‘Cultura Feminina’ de Simmel aos weblogs: mulheres na Internet. *IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa*. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom. Porto Alegre, set/2004.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. (2004). Pierre Bourdieu sobre gênero e educação. In: *Revista Ártemis*. Nº 1. João Pessoa-PB. P. 1-14.
- CARVALHO, Maria Eulina P. (2007). Uma agenda de pesquisa, formação humana e docente em gênero e educação. Maceió, EPENN.
- CARVALHO, Marília Gomes de.; COVOLAN, Nadia Terezinha. (2008). Refletindo Gênero na escola. Gênero, Diversidade Sexual, Ciência e Tecnologia. Módulo 3. Curitiba-PR.
- DEMO, Pedro. (2006). *Formação Permanente e Tecnologias Educacionais*. São Paulo: vozes.
- DINIZ, Ester de Carvalho, VAN DER LINDEN, Marta Maria Gomes & FERNANDES, Terezinha Alves (Orgs.). (2011). *Educação a Distância: coletânea de textos para subsidiar a docência on-line*. João Pessoa: Editora da UFPB.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. (2001). *Cartografias dos estudos culturais: uma versão americana*. Belo Horizonte: Autêntica.
- FERRARA, Lucrécia D’Alessio. (2010). Ciberespaço: conceito à procura de um nome. In. TRIVINHO, Eugênio; REIS, Angela Pintor dos. Equipe do CENCIB/PUC-SP. *A cibercultura em transformação: poder, liberdade e sociabilidade em tempos de compartilhamento, nomadismo e mutação de direitos*. São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú Cultural, 2010. Ebook. ISBN 978-85-63368-01-0.
- LAURETIS, T de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de (org.) (1994). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- LEMOS, André. (2004). Cibercultura, Cultura e Identidade. *Contemporânea*. Vol.2, nº 2, p 9-22, Dez.
- LÉVY, Pierre. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. (2004). *O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line*. Porto Alegre: Artmed.
- LOURO, Guacira Lopes (2006). Gênero e Sexualidade. *Presença Pedagógica*, v.12, n.72, nov/dez, 2006.



MUNDIM, Kleber Carlos. (2006). Ensino a Distância no Brasil: problemas e desafios. In: Desafios da Educação a Distância na formação de Professores. Brasília: Secretaria de Educação a Distância.

PESCE, Lucila. (2011). EAD: antes e depois da cibercultura. Salto Para o Futuro. *Cibercultura: o que muda na educação*. Ano XXI Boletim 03 - Abril. ISSN 1982 – 0283

PERISTA, Heloísa (coord.); FREITAS, Fátima; MAXIMIANO, Sandra. (2004). *Família, Género e Trajectórias de Vida: Uma Questão de (Usos do) Tempo*, Lisboa, IV Congresso Português de Sociologia, Acta 166. Disponível em [http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR462dffeb8da19\\_1.PDF](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462dffeb8da19_1.PDF) Acessado em 29 de junho de 2013. P. 1-17.

RAPKIEWICZ, Clevi Elena (1998). Informática: domínio masculino? *Cadernos Pagu*. Género, Tecnologia e Ciência. Campinas, nº10 p.169-200.

SCHWARTZ, Juliana *et al.* (2006). Mulheres na informática: quais foram as pioneiras? *Cadernos Pagu* (27), julho-dezembro de 2006: pp.255-278.

SCOTT, Joan (1990). Género: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre. V. 16, n.2. jul/dez, 1990.

SILVA, Nancy S; CARVALHO, Marília Gomes (2003). A tecnologia e a divisão sexual do trabalho. In: CARVALHO, M. G. (org.) *Relações de Género e Tecnologia*. Curitiba, Editora CEFET-PR.